

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

**ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O USO DA LITERATURA
INFANTO-JUVENIL NA SALA DE AULA, POR PROFESSORES DE GEOGRAFIA**

Cássia de Castro Martins Ferreira
Boletim Gaúcho de Geografia, 25: 9-19, jun., 1999.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/39724/26280>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jun, 1999

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O USO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL NA SALA DE AULA, POR PROFESSORES DE GEOGRAFIA

*Cássia de Castro Martins Ferreira **

INTRODUÇÃO

A partir de nossa preocupação com a insatisfação por parte dos professores, oriunda da utilização do livro didático como único recurso de leitura disponível nas salas de aula, vimos a necessidade de discutir uma nova proposta que visa a inserção da literatura juvenil nos estudos de geografia como complementação ao livro didático, como uma maneira de tornar os textos técnicos mais agradáveis e também como incentivo à leitura e à abordagem interdisciplinar de ensino.

As discussões que são realizadas em relação ao ensino de geografia, via de regra, criticam o livro didático, porém não apresentam nenhuma proposta substitutiva ou complementar para o mesmo. “*O livro didático, para a maior parte dos alunos, constitui-se no único livro que passa pelas suas mãos durante a vida*”, segundo VARGAS (1986). A avaliação do livro didático, a partir de várias óticas – histórica, política, econômica, lingüística, psicopedagógica e ideológica, incluindo a ótica dos usuários do livro – o professor e o aluno, deixa claro que a problemática do livro didático se insere em um contexto mais amplo, que perpassa o sistema educacional e envolve estruturas globais da sociedade brasileira: o estado, o mercado e a indústria cultural.

O livro didático insere-se em uma grande maquinaria, na qual ele parece exercer um papel *insignificante* que, à medida que vai sendo elucidado, revela-se de importância estratégica para a existência do funcionamento do sistema educacional como um todo, estendendo sua influência a amplos setores do mercado editorial bem como às instituições estatais. Funciona como recurso de ensino no processo pedagógico em sala de aula; como fonte de lucro e renda para editores e como *cabide de empregos* para funcionários e técnicos dos organismos estatais.

O livro é um verdadeiro veículo de transmissão de modelos e informações, além de ter a função, implícita ou explícita, de promover a reprodução das condições econômicas, políticas e sociais, com todos os seus vícios. Além disso, é ele um

dos fatores que orienta, na colocação dos problemas da sociedade, o uso do aparato conceitual e categórico da ciência geográfica e dos princípios de organização, caracterizando pontos de vista particulares (dos autores), o que pode ser feito de modo adequado, se apresentado sob um ponto de vista crítico, contribuindo para o crescimento humano ou, por outro lado, de modo inadequado, tornando-se um entrave para o desenvolvimento do ser humano, enquanto aluno. Evitando-se a apresentação de um único ou particular ponto de vista, propõe-se então lançar mão de outras fontes de leitura que não somente o livro didático, possibilitando construir, por meio de críticas, conceitos mais próximos à realidade que somente uma fonte não nos pode oferecer.

O problema reside na dificuldade de organizar bibliotecas adequadas para a utilização dos alunos e dos professores, com atualização diária, via assinatura de jornais e revistas que retratam a realidade da vida cotidiana; com livros de aventuras, romances, histórias em quadrinhos, manifestos publicitários, relatos da vida cotidiana dos próprios alunos. Caminhos que possibilitam a construção de conceitos verdadeiramente úteis tanto para o aluno quanto para o cidadão que se quer formar e que também abrem opções de trabalho para o professor.

Parece haver unanimidade em relação ao fato que o livro didático deixa muito a desejar, mas que é indispensável em sala de aula, pois este é o referencial primeiro de conteúdo e metodologia de ensino para o professor: ele estabelece o roteiro de trabalhos para o ano letivo, dosa as atividades de cada professor no seu dia-a-dia em sala de aula e ocupa o aluno horas a fio na escola e em casa.

Professores e alunos tornaram-se seus escravos, perdendo a autonomia e o senso crítico que deveria estar no curso do processo ensino-aprendizagem.

Os alunos dificilmente aprendem a compreender a leitura de um texto retirando significados e interpretações próprias ou transformando-os em ingredientes de vida e de reflexão.

Não estamos aqui retirando o valor do uso do livro didático em sala de aula e sim do livro como o único recurso de trabalho, visto que ele vem ocupando, com exclusividade, todo o espaço em sala de aula.

Por que não tentamos diversificar um pouco esta exclusividade do livro didático? Apesar de sabermos que qualquer material didático pode ser abordado a partir de vários ângulos e servindo ao professor como material ilustrativo para sublinhar um erro, um problema estético, um conteúdo ideológico, o seu uso depende, pois, da habilidade e do nível de formação desse professor.

Não basta agora culpar os professores, pois estes, se têm uma boa formação profissional, não têm depois espaço para uma reciclagem permanente. Notamos, no entanto, que o problema se estende para mais e mais longe até perdermos o controle. Passa a ser uma questão do sistema educacional do país.

Ressaltamos esta problemática, pois não adiantaria nada se propuséssemos o uso de uma literatura juvenil complementar ao livro didático e esta passasse a ser usada pelos professores como simplesmente mais um recurso de trabalho, deixan-

do de lado a sua função de propulsora de criatividade e imaginação, de gerar prazer pela leitura, proporcionar e criar oportunidades para novas experiências, ajudar a criança e o adolescente a formar e ampliar conceitos e enriquecer a linguagem.

O ato de ler não pode reduzir-se ao puro sentido da palavra, da letra ou da frase. Ele é um ato de conhecimento e até mesmo um ato criador. Pelo simples fato de, por vezes, o aluno necessitar de ajuda do educador, não significa que o mesmo deva anular a criatividade do aluno e a responsabilidade na construção da sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o educando quanto o educador, ao pegarem um objeto, sentem o objeto, percebem o objeto e são capazes de expressar verbal ou ortograficamente o objeto sentido e percebido. O mesmo acontece com o texto literário. Porque não deixar cada um perceber e sentir a sua própria leitura, isto é, cada indivíduo possuir uma compreensão crítica do ato de ler? Cabe ao educador o papel de fornecer recursos para que seus alunos leiam e não simplesmente passem os olhos sobre páginas cheias de letras, frases e palavras.

Do contrário, seria desnecessária qualquer tentativa para ampliar os recursos de trabalho dos professores. O livro não se constituiria então no único livro e única visão que passaria pelas mãos dos alunos durante suas vidas. Resultando então na não identidade do modo de pensar dos nossos alunos, mas sim em pontos de vistas diferentes e enriquecedores na medida em que promovem o conhecimento do pensamento de outros autores, de outras possibilidades, de outras maneiras de ver os problemas, além de criarem eles próprios seus pensamentos, idéias e conceitos.

METODOLOGIA

Diante da dependência de professores e alunos pelo livro didático, que se constitui no único recurso de trabalho utilizado pelo professor em sala de aula, optou-se pela literatura juvenil, que pode ser um meio de corrigir a rispidez da passagem do universo lúdico infantil e juvenil para o universo de informações intelectuais cobrado pela escola, pois a literatura juvenil permite coligar fantasia, ludismo e momento de iniciação e aprofundamento ao código verbal-escrito. Segundo MIRANDA (1986) “...traz prazer, desenvolve a imaginação, proporciona e cria oportunidades para novas experiências, ajuda a criança e o adolescente a formar e ampliar conceitos, enriquece a linguagem.”

A literatura juvenil seria um recurso de trabalho auxiliar ao livro didático, complementando-o e servindo como um meio para fazer análises mais amplas e atuais dos acontecimentos e das relações sociais. A literatura pode ajudar o jovem na sua conquista mais difícil, a construção e o fortalecimento da sua identidade, trazendo para a sala de aula a leitura do mundo que cada um possui e carrega consigo. É importante a presença da literatura contemporânea dentro da escola, com bons escritores e ilustradores, tratando com dignidade o universo da criança e do jovem, retirando os preconceitos, as crenças envelhecidas, extinguindo a passi-

vidade fortemente enraizada no sistema pedagógico e instaurando a crítica e a sensibilidade nas crianças e nos jovens que freqüentam a escola hoje.

Não basta, porém, entregarmos um livro nas mãos de alunos e fazer com que eles leiam. É preciso que passemos por etapas, que vão desde a escolha de uma literatura até o objetivo a que o professor quer atingir. Segundo MIRANDA (1986) existem três etapas pelas quais o professor deve passar durante a introdução de um livro em sala de aula e que envolve, primeiramente, a escolha de um título e de um conteúdo que possuam coerência com a matéria a ser dada aos alunos. Numa segunda etapa, que provém do acompanhamento da leitura pelo professor, e ainda num terceiro passo, que constituiria numa exploração no conteúdo do livro. Veremos, no entanto, estes passos mais detalhada e pormenorizadamente.

A primeira etapa se constitui na escolha de um título, o que é decisivo para reter o leitor. Os professores têm que se armar de um aparato teórico que irá lhe fornecer os critérios necessários à escolha, isto é, conhecer mais de um livro que trate sobre o mesmo assunto, proporcionando aos alunos um critério de escolha. Mas para que isto aconteça é necessário que os professores conheçam primeiramente os estágios de desenvolvimento da personalidade do educando e seus interesses em cada estágio. *“Muitas vezes nos fixamos em nossas próprias preferências, deixando de lado o gosto dos alunos”* (MIRANDA, 1986). Assim, livros de aventura, policiais ou romances são muitas vezes rejeitados pelos professores em nome de leituras mais críticas ou de seu interesse. Em várias ocasiões, o mesmo assunto que o professor quer explorar está sendo abordado em um livro de aventura de forma mais agradável, lúdica e de maior interesse para os alunos do que aquela literatura já idealizado pelo professor. Porque não deixamos que o interesse dos alunos prevaleça na escolha de um título para ser lido, analisado e criticado por eles?

Do ponto de vista ideológico, apostamos nos direitos individuais de escolha. Não poderemos então mostrar uma face da medalha e impedir que os leitores conheçam a outra. Critérios estéticos deverão nos conduzir acima de tudo ao ‘bom livro’. É preciso, que professores conheçam explicitamente ideologias subjacentes aos textos, não para impedir o aluno de ler tais e tais obras, mas para fortalecê-lo de modo que ele, por si mesmo, seja capaz de, mediante uma consciência de mundo, exercer sua crítica, estabelecer seus juízos de valor frente às obras lidas. Impingir nossas crenças, sejam quais forem, é uma forma de violência. Que nosso aluno possa entre ‘reizinhas mandões’ ou não escolher aquele que lhe convém. MIRANDA (1986)

O professor deve analisar com cuidado os seus alunos, a realidade de cada turma, de cada escola para fazer uma proposta adequada do livro ou dos livros a serem utilizados em sala de aula, deixando prevalecer também a vontade e o gosto de seus alunos.

Depois que o livro for escolhido, passamos para o acompanhamento da leitura, o que caracteriza a segunda etapa. O acompanhamento da leitura pelo professor

poderá ser feito em casa ou na própria sala de aula. Tudo dependerá da espessura do livro, do grau de dificuldade da leitura e do leitor. A leitura em casa deve ocorrer espontaneamente, mas o leitor deve ter oportunidade de manifestar-se sobre o livro durante o processo de leitura através de debates informais, de modo a encontrar ajuda adequada para entender e criticar o todo ou parte do conteúdo da obra.

Após a leitura do título, seja com o acompanhamento do professor dentro da sala de aula ou em casa, o professor dará início a mais uma etapa, que é a da exploração da leitura. Segundo INDURSKY e KAURZIM (1986) esta etapa é dividida nos seguintes passos: leitura compreensiva, leitura interpretativa e leitura crítica, que vão variar de acordo com a idade, o grau de maturidade de cada turma e também com o objetivo que o professor quer atingir com a leitura do livro.

A leitura compreensiva consiste numa visão global do texto e da ilustração, buscando uma leitura linear.

A leitura interpretativa envolve a análise de diferentes relações do texto, que são as relações textuais e que abrangem o levantamento das idéias básicas expressas pelo mesmo e da ilustração, a exploração dos elementos da linguagem e a explicitação das idéias implícitas; *as relações contextuais*, que cobrem a análise do texto em relação ao contexto em que a obra e o autor se inserem; e, por último, *as relações intertextuais*, que remetem às comparações com outras leituras do conhecimento do leitor.

Por fim, a leitura crítica, que envolve uma análise ideológica do texto e o posicionamento crítico do leitor perante a leitura realizada.

As etapas de produção de leitura que acabamos de descrever (leitura compreensiva, interpretativa e crítica) serão atingidas mediante o desenvolvimento de diferentes tipos de atividades, envolvendo formas de expressão diversas, além da verbal. Assim, as leituras interpretativa e crítica poderão se fazer através de atividades de expressão escrita e oral, como debates e resenhas, pois muitas vezes o recurso às expressões plásticas, dramática ou musical poderá encurtar caminhos, propiciando chances de um aprofundamento maior da leitura, além de dar ao leitor oportunidade de vivenciar um processo mais criativo.

Por vezes, estas etapas acontecem de forma alterada, na quais as leituras se misturam e acontecem simultaneamente, podendo também não ficarem plenamente esgotadas, pois dependerá da maturidade do educando. A cada sala de aula corresponde um tipo de leitura. Por exemplo, um aluno de oito anos não está apto a uma leitura crítica como um aluno de quinze anos, cada vez mais voltado para o real e sensível ao mundo exterior.

Qualquer passo na produção da leitura requer cuidados especiais do professor no sentido de evitar a imposição aos alunos de sua interpretação de adulto. Muitas vezes somos capazes de enxergar em um texto significações que a criança ignora e ficamos insensíveis às suas leituras.

É preciso que compreendamos que interpretar um texto não significa apenas remeter o aluno a uma leitura linear, explorando o que é mais superficial e por vezes

óbvio. Estas são as propostas feitas pela maioria dos livros didáticos, que se restringem ao primeiro passo, isto é, à leitura linear, verificada principalmente nos questionários de final de capítulos, com questões óbvias, sem apresentar qualquer análise crítica.

É fundamental, ressaltarmos a integração da literatura infantil com outros conteúdos. Como foi feito no trabalho realizado no Colégio de Aplicação João XXIII (AGUIAR, 1986), em que quatro professoras elaboraram um plano de trabalho para o qual foram escolhidas obras que envolvessem situações que possibilitassem a exploração do quadro histórico e geográfico, ficando ao encargo do professor de português a preparação para a leitura do livro, através de atividades enriquecedoras que serão citadas a seguir.

A integração da literatura infantil com outros conteúdos ocorre principalmente através de atividades enriquecedoras, tais como:

- *a expressão plástica*, que constituiria na criação de audiovisuais a partir dos textos lidos; na criação de painéis; na confecção de cenários para encenações; na criação de livrinhos de imagem; na ilustração de livrinhos individuais e coletivos; na confecção de fantoches de vara, de luvas, máscaras; em desenhos de histórias em quadrinhos, cartazes, símbolos publicitários;
- *a expressão dramática e a musical*, que correspondem à encenação de cenas do livro ou de situações transpostas para a realidade; sonoplastia para audiovisuais e encenações; mostra de música; utilização da música popular brasileira no estabelecimento de relações intertextuais; utilização da música erudita em momentos de relaxamento, reflexões, análises; utilização de músicas, jogos de tradição oral; teatro de fantoches; mímicas de personagens; entre outros;
- *a expressão verbal*, oral e escrita, através de debates; júri-simulado; jornal mural; elaboração de resenhas; criação de textos, interferindo ou atualizando a estrutura do livro lido, entrevistas fictícias com os personagens do livro e com personagens reais de que falam os livros.

SUGESTÕES DE TRABALHO

A concepção que o professor tem do uso da literatura dentro da sala de aula, na maior parte das vezes, é a de um simples recurso pedagógico, constituindo-se numa barreira para que o aluno aprenda a ter prazer pela leitura, a ter curiosidade pelo conteúdo e gosto pelo aprendizado através de textos literários. A desinformação do professor em relação à função social e pedagógica do texto literário pode se transformar num empecilho ao uso adequado de uma literatura dentro da sala de aula. O uso inadequado da mesma acarretaria um desinteresse ainda maior dos alunos pela literatura juvenil, não atingindo portanto o seu maior objetivo que é o de gerar prazer pela leitura.

Existem diferentes caminhos que podem ser percorridos na escolha de sugestões de trabalho para a introdução de uma literatura suplementar dentro da sala de

aula. No entanto, para que o professor decida qual o caminho mais adequado é necessário que tenha em mente vários critérios, a fim de não cometer o erro de usar uma literatura em vão. Estes critérios compreendem principalmente os recursos utilizados no ensino de geografia pelo professor que está intimamente ligado aos objetivos do trabalho, ao desenvolvimento do aluno, ao assunto a ser desenvolvido, à aquisição do material e ao conhecimento que tem em relação ao uso do recurso na aprendizagem.

São vários os recursos que podem ser usados pelo professor de geografia, como os recursos audiovisuais, que compreendem jornais, revistas, gravuras, cartazes, filmes, slides, mapas, globo, materiais fabricados pelo professor, entre outros; a leitura informativa, como livros diversos, textos mimeografados, jornais, revistas, boletins, textos elaborados pelo professor, dicionário, atlas, livros informativos e outros; e os recursos auxiliares, como bolinhas de isopor, giz, papel, quadro, alfinetes, agulhas, maquetes, materiais fabricados pelo professor, canetas, lápis de cor, gesso e outros.

As instalações existentes no colégio, tais como biblioteca, pátios, anfiteatro, sala de projeção, e outros compreendem mais um critério que deve ser considerado pelo professor.

O terceiro critério é o nível socioeconômico dos alunos, sendo importante o seu conhecimento por parte do professor no que tange à aquisição do livro a ser adotado em sala de aula e a uma maior acessibilidade a outros meios de comunicação, como jornais, revistas, vídeos, etc. O professor pode adotar a obra literária por meio da biblioteca da escola, adquirido pelos próprios alunos, ou pela reprodução do texto do livro.

O professor deverá fazer constar no seu plano de curso o tempo gasto para o desenvolvimento do trabalho em sala de aula, para que não fique prejudicado outro conteúdo por falta de tempo no término do ano letivo, constituindo este o quarto critério.

O último critério é caracterizado pelo interesse do aluno e do professor em desenvolver o trabalho, o que vai depender da motivação dos alunos e do incentivo do professor, o que proporcionará, no fim do trabalho, o sucesso ou o fracasso no que tange à participação e à compreensão do conteúdo pelos alunos.

Todos estes critérios devem ser levados em consideração pelo professor na escolha de uma sugestão de trabalho a ser desenvolvida a partir do livro literário, dentro da sala de aula.

Apresentaremos basicamente três sugestões de trabalho. A primeira sugestão compreenderia o uso da obra literária dando um enfoque mais agradável e cuja leitura gera maior prazer do que o uso dos livros didáticos e incentiva de forma lúdica a exploração do conteúdo pelo professor em da sala de aula. Somente depois que o professor introduziu a obra literária é que entraria com o livro didático, como um complemento do conteúdo ou como mais um referencial bibliográfico sobre o mesmo assunto.

A segunda sugestão compreende basicamente o uso do livro didático, recurso mais usado e presente nas salas de aula junto com a obra literária. O assunto introduzido pelo professor teria como base o livro didático, acompanhado posteriormente pela obra literária, que serviria como complemento ao livro, enriquecendo e servindo de recurso para fazer análises mais amplas e atuais dos acontecimentos e das relações sociais.

A terceira e última sugestão refere-se o uso do livro de literatura sendo complementado por outras leituras como jornais, textos técnicos, boletins, outros livros literários e técnicos. Esta sugestão proporcionaria aos alunos análises mais amplas e atuais dos acontecimentos e das relações sociais, econômicas e políticas. No entanto, seria necessária a existência de uma biblioteca na escola para que os alunos e os professores pudessem consultar outras fontes de leitura, a não ser que disponham de outras locais para consultas bibliográficas, como bibliotecas municipais, ou acesso em suas próprias casas a jornais e revistas.

Na aplicação de qualquer uma das três sugestões o professor pode usar recursos didáticos, como os já citados anteriormente, visando facilitar a aprendizagem dos alunos.

Estas três sugestões visam proporcionar aos alunos o contato com diferentes fontes de leitura, retirando, mesmo que em parte, o monopólio dos livros didáticos sobre as escolas, estudantes e professores no Brasil.

Depois de um minucioso critério de seleção e avaliação da literatura infanto-juvenil que poderia ser utilizada e aproveitada em sala de aula pelo professor de geografia, verificamos a presença de vários livros que podem ser trabalhados. Indicamos a seguir uma pequena relação de livros infanto-juvenis que podem ser utilizados da 5ª série do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio:

- ALMEIDA, F. L. *A fada que tinha idéias*. São Paulo: Ática, 1985.
 ARAÚJO, H. C.de. *Pivete*. Belo Horizonte: Comunicação, 1984.
 GANEM, E. *Uma cidade fora do mapa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
 LOBATO, M. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
 MORAES, A. D. de. *Mistérios do grande rio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
 MACHADO, A. M. *De olho nas penas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
 PUNTEL, L. *Meninos sem pátria*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
 ZIRALDO. *Brasil: manual de instruções*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1987.
 AMADO, J. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
 CALVINO, I. *Marcovaldo ou as estações na cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
 MACHADO, D. *Os Ratos*. São Paulo: Ática, 1979.
 MARINS, F. *Território de Bravos*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
 PAZ, O. *Tempo Nublado*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
 VERÍSSIMO, L. F. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
 VERÍSSIMO, L. F. *Comédias da vida pública*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

Muitas outras obras que possuem referenciais espaciais poderiam ser aqui incluídos. Na verdade, a relação acima é mera sugestão.

ESTUDO DE CASO – GEOGRAFIA DA DONA BENTA

A fim de detalhar e esclarecer nossa proposta, optamos por elaborar uma sugestão de trabalho com a obra *Geografia de Dona Benta*. A história aborda a conversa de Dona Benta com seus netos, Pedrinho e Narizinho, e a boneca Emília, começando pela história da geografia, o que é a geografia, como a terra é vista da lua, seus hemisférios e como se orientar e se localizar na terra. As crianças e a boneca decidem fazer uma viagem pelo mundo, conhecendo as regiões do Brasil, outros países da América e outros continentes. Durante a viagem Dona Benta vai contando e explicando tudo que as crianças vêem e querem saber sobre os lugares por onde vão passando. O final do livro se dá com a volta das crianças ao Sítio do Pica-pau Amarelo.

Trata-se de um livro que pode enriquecer o momento em que as definições de geografia, como localização, orientação, atmosfera, hemisférios, o interior da crosta terrestre, são trabalhadas pelo professor de geografia, assim como a descrição das regiões do Brasil, outros países da América e outras partes da terra. Verifica-se o rico trabalho que pode ser desenvolvido com o livro de Lobato, principalmente nas 5ª e 6ª séries do ensino fundamental, porém sua linguagem é infantil, não atraindo muito a leitura dos alunos de 7ª e 8ª séries.

Escolhemos trabalhar com a primeira etapa do livro, que compreende a assimilação de várias definições novas para os alunos de 5ª série, como o que é geografia, a terra, o universo, os hemisférios, como se orientar e se localizar, que os alunos se vêem obrigados a memorizar quando se deparam com elas.

Partindo do pressuposto que a criança e o adolescente, ao longo de sua existência, formam uma série de conceitos que emergem de suas experiências e da sua própria imaginação, vimos a necessidade de fornecer, como professores, um material que proporcionasse aos alunos o desenvolvimento de sua capacidade de observar, de tirar conclusões, de analisar, de comparar e de demonstrar. Verificamos que Lobato, na sua obra *Geografia de Dona Benta*, de forma bastante simples e lúdica, permite aos leitores o desenvolvimento de sua capacidade mental, relegada pela maior parte dos livros didáticos e pelos professores, ficando presos à memorização de definições prontas sem se importarem com a vivência que os alunos trazem consigo.

A formação de um conceito depende da idade da criança ou do adolescente e, sobretudo, da capacidade do professor de selecionar processos, técnicas e material em função do assunto a ser estudado. O permanente confronto do conteúdo com a realidade em que vive o aluno permite, a cada instante, apreender as relações que se estabelecem num espaço distante dos alunos e correlacionar com o seu espaço de vida.

A obra de Lobato é um desses materiais que o professor poderia ter em mãos para apresentar aos alunos um assunto que a maior parte dos professores de geografia vêem como um entrave, deixando seus alunos à mercê dos livros didáticos, sem qualquer correlação do assunto com suas vidas, não apresentando justificativa ou necessidade de se compreender o que é geografia, hemisférios, ou mesmo como se orientar na terra. Enfim, não demonstram qualquer finalidade na aplicação das definições memorizadas em sala de aula para as suas vidas ou de como elas poderiam beneficiar na resolução de algum problema no presente e no futuro.

A partir destas afirmações resolvemos elaborar uma proposta de trabalho com a primeira parte do livro que transpõe um universo de informações intelectuais e científicas, perpassando por um universo lúdico, infantil, e conseguindo transformar noções aparentemente difíceis em noções compreensíveis pela criança e pelo adolescente, aproximando-as de suas vivências cotidianas.

CONCLUSÃO

Escrever sobre a utilização da literatura infantil e juvenil como mais um dentre muitos outros recursos de trabalho nas mãos dos professores de geografia em da sala de aula é de extrema necessidade, pois sabemos que na maioria dos casos o único recurso e o único livro consultado e utilizado pelos professores é o livro didático, que transforma-se na *bíblia* de professores e de alunos, sendo estudado sem qualquer crítica ou análise quanto ao seu conteúdo.

Procuramos esclarecer, no entanto, que o trabalho do professor em sala de aula não pode se restringir ao uso do livro didático e de uma literatura complementar. Seria, portanto, necessário o uso e a elaboração de novos recursos de trabalho que incentivassem as crianças e os adolescentes no aprendizado de geografia.

A literatura infantil é um dos vários recursos de trabalho que o professor pode lançar mão, não sendo o único, pois cairíamos na mesma problemática do livro didático, já que neste trabalho ressaltamos a gravidade do fato do livro didático ser utilizado como o único livro e material didático usado pelos professores e visualizado por grande parcela dos alunos nas suas vidas.

No presente trabalho, apresentamos uma proposta de mudança, acrescentando junto ao livro didático uma literatura complementar. Mesmo deixando-se de lado o livro didático pode-se utilizar a literatura infanto-juvenil, os textos de jornais, de revistas e outros, bem como material concreto a ser manipulado pelo aluno. A apresentação de novas fontes de leitura abre espaço ao desenvolvimento crítico e ao contato com visões de diferentes autores sobre um mesmo assunto. É uma proposta que já vem sendo empregada por alguns professores, sendo no entanto necessária uma maior divulgação aos professores de geografia, história, português, ciências, matemática e outros. Por que não mudamos um pouco o dia-a-dia da sala de aula? Nosso trabalho constitui-se em um pequeno exemplo do que pode ser aplicado e desenvolvido no ensino. Basta ao professor aceitar desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, V. T. B. et alli. *A literatura infanto-juvenil na sala de aula*. Juiz de Fora: mimeo, 1996.
- INDURSKY, A. e KAURZIM, L. Literature and geographie. *Journal of geography*. 86(2) – mar/apr, 1986, p. 45-60.
- MIRANDA, N. S. *Língua materna no primeiro grau: reflexão e prática*. Juiz de Fora: UFJF, 1986.
- VARGAS, A. L. et alli. *Geografia, história e literatura – uma proposta*. Juiz de Fora: mimeo, 1996.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- MOLINA, O. *Quem engana quem: professor x livro didático*. Campinas: Papirus, 1987.
- NOSELLA, M. L. C. D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1981.
- RESENDE, V.M. *Literatura infantil e juvenil – relatos de experiência na escola*. Belo Horizonte: Comunicação, 1983.
- SOUZA, M. L. Z. Literatura juvenil, uma questão polêmica. *Boletim informativo 14*. Brasília: MEC/ SESU, 1988.
- TUAN, Yi Fu. The landscapes of Sherlock Holmes. *Journal of Geography*. 84 (2) – mar-apr, 1985, p. 56-60.

* Doutoranda no FFLCH da Universidade de São Paulo. O texto refere-se a trabalho na pesquisa *O uso da literatura no ensino de geografia*, realizado em conjunto com a professora Valéria Trevizani Burla de Aguiar, que leciona na Universidade Federal de Juiz de Fora.